



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA LICENCIATURA  
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA**

**Cosme Damião dos Santos**

**ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: IMPORTÂNCIA E PRINCIPAIS DESAFIOS -  
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO JOSÉ DA TAPERA – ALAGOAS**

**DELMIRO GOUVEIA-AL**

**2022**

**Cosme Damião dos Santos**

**ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: IMPORTÂNCIA E PRINCIPAIS DESAFIOS -  
UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO JOSÉ DA TAPERA – ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado a banca examinadora como  
requisito parcial para obtenção de título de  
Graduação em Geografia - Licenciatura - pela  
Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: **Prof. Dr. José Alegnoberto Leite  
Fechine**

**DELMIRO GOUVEIA-AL**

**2022**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **COSME DAMIÃO DOS SANTOS**

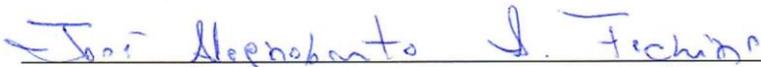
**“ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: IMPORTÂNCIA E PRINCIPAIS DESAFIOS – UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO JOSÉ DA TAPERA - ALAGOAS” -**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 18 de novembro de 2022.

### Banca Examinadora:

Orientador(a)

  
Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fachine – UFAL /Campus do Sertão

1º Examinador(a)

  
Prof. Dr. Kleber Costa da Silva – UFAL /Campus do Sertão

2º Examinador(a)

  
Profa. Ms. Rogéria de Souza Vieira – Centro Territorial de Educação Profissional Itaparica II Wilson Pereira - AL

Dedico este trabalho a DEUS, pois ELE me orientou e não me deixou desistir. Dedico também aos meus familiares e amigos.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a DEUS por nunca ter deixado eu desistir e ultrapassar os obstáculos encontrados ao longo dessa caminhada.

Aos meus familiares pelo incentivo nos momentos difíceis e compreensão em ajudar nas horas que precisei.

Aos meus colegas que se tornaram amigos e incentivadores dessa trajetória. Em especial a Adeilson Ferreira de Souza que sempre estávamos juntos permitindo assim que todos chegássemos à formação profissional.

A todos os professores que passaram um pouco dos seus conhecimentos, e assim passamos transmitir para outras pessoas um pouco do que aprendemos. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa na caminhada da vida, onde não podemos desistir dos nossos sonhos.

## RESUMO

O presente trabalho surge mediante inquietações a respeito de como vem se dando o ensino de Cartografia. Essa área de conhecimento por muito tempo esteve atrelada à Ciência Geográfica, e até os dias atuais, não é incomum essa comparação, já que ambas se utilizam de muitos elementos para a constituição do seu arcabouço teórico e metodológico. O objetivo geral do corrente trabalho: refletir a importância do uso dos mapas no processo de alfabetização cartográfica dos alunos do ensino fundamental em seus anos iniciais. Já os objetivos específicos são: entender qual a visão dos alunos sobre a cartografia e a geografia e o que leva aos mesmos a apresentarem tal visão; analisar como os mesmos interagem com os conteúdos cartográficos trabalhados em sala de aula e, desenvolver atividades com mapas que possam inserir esses alunos no centro do aprendizado. A metodologia escolhida é a qualitativa. A conclusão a que se chegou, é que se o sistema de ensino não se adequar a essa nova realidade da sociedade; toda a base legal desenvolvida para o ensino da Cartografia/Geografia não sairá da teoria.

**Palavras-Chaves:** Desafio; Educação; Ensino; Geografia; Sociedade

## **ABSTRACT**

The present work arises through concerns about how the teaching of Cartography has been taking place. This area of knowledge has been linked to Geography Science for a long time, and until the present day, this comparison is not uncommon, since both use many elements for the constitution of their theoretical and methodological framework. The general objective of the current work: to reflect the importance of the use of maps in the cartographic literacy process of elementary school students in their early years. The specific objectives are: to understand the students' view of cartography and geography and what leads them to present such a view; analyze how they interact with the cartographic contents worked in the classroom and develop activities with maps that can place these students at the center of learning. The methodology chosen is permeated by a qualitative nature. The conclusion reached is that if the education system does not adapt to this new reality of society, the entire legal basis developed for the teaching of Cartography/Geography will not leave theory.

**Keywords:** Challenge; Education; Teaching; Geography; Society

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

CF – Constituição Federal.

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

PCN – Parâmetro Curricular Nacional.

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	10
2 - MATERIAIS E MÉTODOS .....	14
2.1 Caracterização da Área de Estudo – Recorte Territorial.....	15
3 – REFERENCIAL TEÓRICO .....	19
3.1 - A Importância Da Cartografia Escolar Para Alunos Dos Anos Iniciais.....	19
3.2 - Trazendo O Conceito De Cartografia, Representação E Alfabetização Cartográfica .....	23
3.3 - Da Norma À Forma: Percurso Legal E Ensino De Cartografia/Geografia No Brasil.....	27
3.4 - Do Percurso Histórico Referente ao Ensino de Cartografia/Geografia .....	29
3.5 - Da Base Legal para o Ensino de Cartografia/Geografia .....	30
3.6 - Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) .....	32
3.7- A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) .....	33
4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	35
4.1 - Contribuições da Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais do Fundamental: Análise a partir de uma Turma do 3º Ano. ....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	44
ANEXOS .....	47
APÊNDICE 01: .....	51

## 1 - INTRODUÇÃO

A cartografia e seus usos sempre foram importantes para o desenvolvimento do indivíduo e suas atividades do cotidiano, sendo em seus primórdios aplicada para fins diferentes do pedagógico, que era o domínio e conhecimento de terras conquistadas, ou mesmo, análise do território. Apesar destas outras finalidades, hoje, as discussões a respeito da alfabetização cartográfica têm se estendido bastante, pois, estudos provam que trazer esses saberes já nos primeiros anos de escolarização tem se mostrado algo proveitoso do ponto de vista do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos, sobretudo, no que tange ao conhecimento da realidade na qual estão inseridos.

Neste sentido, hoje existe a necessidade de os alunos estarem em contato com os conteúdos que são abordados em sala de aula, sendo importante que o professor também tenha as ferramentas necessárias para associar os conteúdos inerentes à cartografia com os conteúdos de outras áreas e com o cotidiano dos alunos. Assim, o professor deverá ter em mente que ele será um facilitador no processo, não apenas de leitura e escrita, mas, da cartografia, com uma proposta de ensino que não traga essa área como um monstro do qual eles devam fugir, mas, ensinar a abraçar a mesma e compreender que ela é de suma importância para o conhecimento e para o desenvolvimento.

O que se sabe até o presente momento é que a cartografia é um leque de conhecimentos que são primordiais na vida de qualquer indivíduo. Assim, pode-se deduzir que essa abordagem é importante pelo fato de que mesmo nos dias atuais os alunos apresentam grande dificuldade na aquisição de conhecimentos voltados para Cartografia e a própria Geografia, acarretando na conseqüente dificuldade apresentada pelos alunos em relação a essas áreas no futuro, ou mesmo, trazendo uma visão deturpada das mesmas pelos alunos.

Por outro lado, nota-se a carência de professores que tenham domínio para alfabetizar cartograficamente os alunos e por isso é ao analisarmos especificamente os conteúdos da cartografia que entendemos a gravidade do assunto, sobretudo quando os alunos apresentam grande desinteresse pelos conteúdos cartográficos, e isso vem se dando justamente pelos professores não estarem preparados para o

ensino. O docente na maioria das vezes não tem culpa de um ensino voltado a cartografia monótono, e isso se deve a falta de recursos por parte do próprio sistema de ensino, que precariza a organização estrutural escolar, ofertando apenas o livro didático enquanto recurso pedagógico aos alunos, onde não fornece acesso à realidade local destes e dificultando aos alunos a assimilarem os conteúdos presentes neste material, tendo como solução, na maioria das vezes, a fuga destas aulas como solução.

Os conhecimentos cartográficos estão e estiveram sempre aliados com os conhecimentos geográficos. Neste viés, estudar cartografia desde os primeiros anos de escola vai permitir que o aluno desenvolva a percepção do espaço, primeiro, no qual ela está inserida e depois, em outros espaços. E para além disso, o educando vai desenvolver uma capacidade de cognição mais completa sobre as aplicações práticas que a cartografia e os ensinamentos geográficos contém.

Este trabalho não vai distanciar a cartografia da geografia, tendo em vista que ambas, apesar de serem áreas de trabalho diferentes, estão historicamente em contato, de modo que é importante o aluno acessar uma alfabetização de qualidade tanto em uma área, quanto em outra. Cabe ao professor tornar essa aliança efetiva no processo de ensino para os alunos, já que ambas são de fundamental importância na compreensão de múltiplos conteúdos. Portanto, cabe ao docente trazer essa importância já na visão inicial dos seus alunos para que eles não se desenvolvam com uma percepção distorcida das mesmas.

É nessa linha de reflexão que este trabalho abre uma discussão de grande valia tanto no meio acadêmico, quanto social, tendo em vista ainda, e como já mencionado, a formação inicial dos professores do ensino fundamental em seus anos iniciais, que na maioria das vezes é a Pedagogia, com pós-graduação em áreas relacionadas, tornando o seu processo de ensino em cartografia limitado, ante uma formação que não prepara para tal atividade. Assim, essa monografia abre a possibilidade de uma discussão sobre os problemas enfrentados e também apresenta a visão que os alunos tem dessa área de conhecimento.

Diante da justificativa acima escrita, pode-se traçar o objetivo geral do corrente trabalho: refletir a importância do uso dos mapas no processo de alfabetização cartográfica dos alunos do ensino fundamental em seus anos iniciais. Já os objetivos específicos são: entender qual a visão dos alunos sobre a cartografia e a geografia e o que leva aos mesmos a apresentarem tal visão; analisar como os mesmos interagem com os conteúdos cartográficos trabalhados em sala de aula e, desenvolver atividades com mapas que possam inserir esses alunos no centro do aprendizado.

Explanado esse momento introdutório, agora apresentar-se-á a divisão desta monografia, onde na primeira parte será a caracterização da área de estudo. Já a segunda parte irá trazer o referencial teórico a respeito da importância do ensino da Geografia e da Cartografia, trazendo ainda, alguns aspectos da base legal, com uma literatura adequada, e contextualizando com as metodologias de ensino empregadas pelos. Por fim, a terceira parte trará aspectos materiais e imateriais do campo de pesquisa, bem como, a análise das observações e das atividades realizadas, apontando as mudanças e permanências do processo de alfabetização cartográfica e mostrando as contribuições que este trabalho possibilitou aos professores.

Ainda fazendo parte da metodologia abordada, temos que não se pode ir a campo sem antes realizarmos uma revisão de literatura trazendo para o trabalho o enriquecimento e a contribuição com trabalhos já realizados, fazendo uma comparação com o momento atual, conhecendo-se as mudanças e permanências inerentes a problemática abordada. Sabemos que nenhum tema é único e que trazer outras visões além de enriquecer o trabalho, vai permitir que os leitores tenham outras sugestões de leitura possam também comparar essa pesquisa com estas que estão sendo trazidas. A investigação é a busca em fontes teóricas sobre o uso de recursos como os próprios mapas e a produção destes por alunos do ensino fundamental podem contribuir para a formação dos alunos e também na sua aprendizagem mediante a prática respeitando-se a realidade na qual os mesmos estão inseridos. Para tanto, o uso de materiais impressos e digitais para a fundamentação teórica serão de grande valia no processo de construção da pesquisa. As ações visando também a obtenção de material de análise também comporão tal projeto, que, na verdade, serão práticas adotadas no sentido de compreender a realidade dos sujeitos

de pesquisa, sendo que estas práticas são: observação, análise visual e atividades interativas.

A etapa seguinte será a observação da sala de aula de uma turma de crianças do ensino fundamental, na qual, em uma semana será observado como o professor trabalha os conteúdos, sobretudo, os de Geografia, e, como o mesmo integra isto com os demais conteúdos propostos pelo currículo escolar. A seguir, a próxima etapa será ministrar, com auxílio do professor - 10 horas/aulas utilizando-se métodos cartográficos como mapas, globos e afins para a ministração de atividades. E, por fim, será aplicado um questionário ao professor de uma turma de terceiro ano do ensino fundamental, com o objetivo de entender as dificuldades na hora de ensinar e aprender geografia e cartografia na escola selecionada.

## 2 - MATERIAIS E MÉTODOS

Como forma de assumir a metodologia proposta, a qual está relacionada com observações em uma turma de 3º ano do ensino fundamental, bem como, a aplicação de atividades e questionário com o profissional responsável por esta turma.

A escola escolhida para a realização da pesquisa de campo tem como nome a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Audálio Maciano da Silva se encontra, de nome Conjunto Habitacional Pedro Ricardo, e está situada no município de São José Da Tapera, estado de Alagoas.

**Figura 01:** Escola Audálio Maciano da Silva em São José da Tapera – AL.



**Fonte:** Próprio autor, 2022

Em relação à metodologia escolhida, a mesma é permeada pela abordagem qualitativa, fazendo-se uso da pesquisa-ação, onde esta é uma das formas de intervir na problemática abordada ao longo do trabalho, onde ao final espera-se ter auxiliado

o professor e os alunos a refletir criticamente sobre a importância da cartografia para o ensino e aprendizagem, e modificando a visão dos alunos em relação aos paradigmas desta área de conhecimento. O primeiro passo da metodologia escolhida é observação, necessária para entender como os professores vêm abordando os conteúdos cartográficos em sala e como isso tem auxiliado os alunos na aquisição de conhecimento, observando-se também o interesse dos educandos pelos conteúdos trazidos.

## 2.1 Caracterização da Área de Estudo – Recorte Territorial

No ano de 1997, a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Audálio Maciano da Silva foi construída com apenas duas salas e foi inaugurada somente no ano seguinte, na gestão de Dona Endeusa Pereira Ricardo, tendo como primeira diretora a professora Maria Aparecida Pereira dos Santos, que desempenhou a função durante doze (12) anos por nomeação pelo chefe do poder executivo ou da Secretaria de Educação.

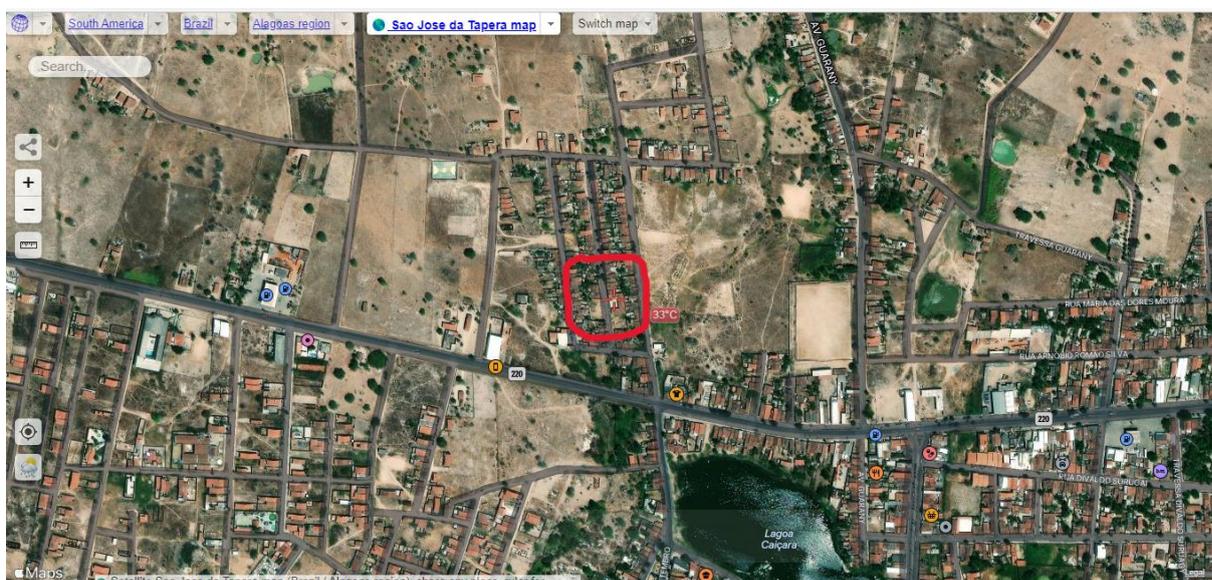
**Figura 02:** Rua, onde estar localizada a Escola Audálio Maciano da Silva.



**Fonte:** Próprio autor, 2022

Na **figura 03**, mostra o mapa de localização da comunidade Pedro Ricardo Gomes, que por conseguinte, vai também auxiliar no processo de localização da Instituição escolar utilizada como campo de pesquisa. É importante ressaltar a importância de se trazer esses dados também como forma de corroborar com veracidade das informações trazidas até aqui.

**Figura 03:** Imagem de satélite do Conjunto Pedro Ricardo – São José da Tapera – AL.



**Fonte:** São José da Tapera/ Satélites. Disponível em: [https://satellites.pro/Sao\\_Jose\\_da\\_Tapera\\_map#-9.551971,-37.383261,19](https://satellites.pro/Sao_Jose_da_Tapera_map#-9.551971,-37.383261,19) . Acesso em 24 de julho de 2022.

Em 2010, com a implantação democrática na escola a professora Maria das Graças dos Santos Cardoso Barros, onde foi eleita pela comunidade escolar para exercer o cargo de diretora geral e dar continuidade a sua gestão durante o biênio 2011/2012. Além da diretora geral, também foi eleita a professora Marcela Wandean, que exerce o cargo de diretora adjunta. Atualmente, no ano de 2019, a escola atende a 190 alunos nos turnos matutino e vespertino, os quais são distribuídos em cinco (05) salas de aula.

Sobre a história do Conjunto habitacional Pedro Ricardo, este apresenta-se como de suma importância para o próprio desenvolvimento do Município, contando

até os dias atuais com cerca de 250 famílias e aproximadamente 1200 habitantes. A ocupação deste recorte territorial onde hoje se localiza o Conjunto Pedro Ricardo, se deu nos anos 90 por famílias de baixa renda, as quais passaram a construir pequenas casas de taipa. Até então, o presente local era utilizado para pastagem de animais e plantio pertencentes ao Senhor Audálio Maciano Da Silva, que em meados dos anos 80, que, resolvendo vender a propriedade, a mesma foi loteada pouco tempo depois e cedida para a construção de casas para as famílias menos favorecidas da sociedade taperense.

A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Audálio Maciano da Silva está regulamentada pela Lei nº 486/2010 SEMED – AL, sendo fundada em 1998 para atender as necessidades da população local que necessitava de educação formal. Essa unidade dispõe de 05 salas de aula, 01 diretoria, 01 cozinha, 02 banheiros (feminino e masculino), 01 depósito para merenda, um depósito para limpeza, área e pátio de recreação. Todo mobiliário escolar encontra-se em ótimo estado de conservação.

Hoje a escola conta com 02 banheiros, 05 salas de aula, sendo uma para a turma da creche, 01 depósito para merenda, 01 depósito para materiais de limpeza, 01 cozinha, 01 sala de professores e uma secretaria. Podemos contar ainda com 01 área de recreação não coberta para os alunos.

A clientela escolar é originária das camadas menos abastadas da sociedade, com perfil socioeconômico que desfavorece a aprendizagem mediante a necessidade de estarem desenvolvendo atividades que auxiliem na renda familiar. No caso das crianças pequenas, os pais na maioria das vezes não trazem à escola porque levam para os seus locais de trabalho, ocasionando um rendimento a quem do esperado no aprendizado dos mesmos.

Outro ponto a se considerar em relação a clientela desta instituição é que eles mesmo com essas dificuldades sonham em se formarem como profissionais de diversas áreas renomadas e almejam com isso auxiliar suas famílias. Sobre o aspecto da linguagem eles apresentam um perfil regional e sua fala tem a influência dos pais, e também, o pouco hábito da leitura de livros locais e outros contribuem para que seu repertório linguístico não seja formal.

Os pais são de origem Nordestina, com a característica de serem analfabetos ou com educação básica incompleta. Em relação a sua profissão, eles são agricultores, pecuaristas, assalariados e professores. Sonham com um futuro melhor para seus filhos. As pessoas da comunidade moram em casas simples, alguns até em pobreza extrema e como dito, não possuem o hábito de ler livros, o que mantém esse ciclo de falta de dedicação à escola perpetuado a seus descendentes, mesmo que em tese, tenham a vontade de oferecer um futuro melhor a eles.

A escola sabendo da necessidade de se educar essa comunidade e também a importância que a educação tem na vida de todos, almeja formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres individuais e coletivos, sobretudo, aqueles que constam na Constituição Federal, que além da educação, se estende para a saúde, ao trabalho, à moradia ao lazer, segurança e previdência social, tornando-se sujeitos participativos e atuantes na sociedade.

Procurar se envolver na comunidade também é parte da ação social, entretanto, tentar fazer com que o estudante dê outro passo ao ser incentivado a realizar alguma mudança na vida da comunidade. Nesta ação, o estudante a desenvolver uma série de metas e em seguida trabalhar para apoiar visando metas e estratégias, tais como a organização por meio da comunicação com a comunidade local, então procurando desenvolver competências cívicas em um mundo em que as escolas tendem a reforçar a apatia cidadã na sociedade.

### **3 – REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 - A Importância Da Cartografia Escolar Para Alunos Dos Anos Iniciais**

A cartografia já foi e ainda representa uma importante área de conhecimento a ser apreendida no âmbito do ensino, e isso deve ser ofertado aos alunos ainda na educação básica, sobretudo, por conta de ser uma área que mesmo estando dentro da Geografia, a qual faz um uso sintetizado de seu arcabouço teórico, mas, que não dá conta de trazer seus elementos mais básicos e essenciais para a vida dos estudantes, sendo necessário, pois, uma atenção maior quanto ao ensino cartográfico neste período da educação formal.

No caso da problemática de investigação, Gil (2002) deixa claro que não se trata de uma tarefa fácil, e ele ainda afirma que formular problemas não é algo comum aos seres humanos, mas que a prática se dá por meio do treinamento. Neste sentido, mesmo sendo de uma complexidade considerável, a formulação do problema de investigação não pode se dar de modo rígido, seguindo com firmeza as regras. Outrossim, existem condições apontadas pelo autor que facilitam na hora de selecionar a problemática de investigação, como por exemplo, a imersão sistemática no objeto de pesquisa, estudo prévio de uma literatura que corrobore com a problemática e experiência prévia mesmo que parcial na problemática selecionada.

Assim, como sabe-se que a cartografia e a geografia são áreas do conhecimento que se relacionam, busca-se em textos que abordem tanto uma quanto outra área termos que por meio de investigação possam ser passíveis de encontrar solução para o problema de pesquisa. A questão de o projeto envolver tanto a Cartografia quanto a Geografia reside no fato de que nos anos iniciais o professor não ensina claramente nem um nem outro, mesmo com atividades e conteúdo que abordam e fomentam a construção do conhecimento das áreas mencionadas.

Gil (2002) ao falar em sua obra sobre a formulação de hipóteses, inicia deixando claro que nem todas elas são passíveis de testes, e que por mais que existem diversas formulações de hipóteses para determinados problemas, as mais aceitáveis necessitam de apresentar algumas características e para isso, o autor menciona autores como Goode e Hatt (1969) e McGuigan (1976), autores que mostram tais características a respeito de como as hipóteses podem ser formuladas.

Primeiro, as hipóteses devem corroborar com o tema e com o problema do projeto. Neste sentido, tais hipóteses precisam estar claramente definidas, sobretudo, no sentido de facilitar a operacionalização das variáveis e sistematização dos dados. Apesar de alguns estudos terem hipóteses claras, elas não trazem uma especificação, sobretudo, em relação a objetivos a serem alcançados. Assim, se faz necessário ter além da clareza em relação ao tema, especificar o que se pretende verificar. Deve-se ainda, ao formular hipóteses evitar fazer juízo de valor, pois, segundo o autor elas não são adequadamente testadas.

Hoje em dia muitas formulações apresentam termos complexos que em uma primeira leitura não se compreende que o texto lido se trata da hipótese do trabalho em questão. Neste sentido, Gil (2002) alerta que as hipóteses devem ser parcimoniosas, ou seja, o escritor deve escrever e formular hipóteses que embora tenham uma redação simples, mostrem a complexidade do problema sem ser rebuscada. Outras características que o autor aponta é que as hipóteses devem estar em consonância com as técnicas disponíveis, ou seja, que a coleta de dados seja possível. Deve ainda estar relacionada com o conjunto teórico existente, corroborando com todo o conjunto do trabalho.

Diante destas palavras, qual é a importância da Cartografia para a educação dos alunos ainda nos primeiros anos de seus estudos? Em que a mesma, em consonância com a Geografia vai auxiliar no amadurecimento destes sujeitos? São perguntas a serem feitas por quem busca entender a Cartografia como parte integrante não apenas do currículo escolar, o que na prática não ocorre, e também por quem entende que esta área é importante no sentido do desenvolvimento duma noção de lugar, e do próprio local onde a criança está inserida.

A Cartografia, desde o período pré-histórico, era utilizada para delimitar territórios de caça e de pesca, contudo, a representação dos recortes espaciais ocorreu há muito tempo, os povos procuravam mostrar ou mesmo expressar os usos do espaço e do seu cotidiano das mais diferentes formas. Os gregos foram destaque no desenvolvimento da Cartografia, pois foram pioneiros na utilização de uma base científica e da observação. Uma maneira de confirmar essas informações, além das fontes científicas tidas hoje, temos o sistema cartográfico é oriundo das escolas de Alexandria e Atenas.

Já em relação a cartografia na escola, é preciso mencionar que a própria Geografia foi vista por professores e alunos como uma forma simplória de repasse de informações, não levando em consideração que as crianças nem sempre entendem os conceitos geográficos e cartográficos que os adultos usam no dia-dia. Em seu trabalho, intitulado “O Espaço Geográfico”, Almeida (1991, p.9) afirma que:

(...)um aluno, ao ler a localização do estado de São Paulo, não entendeu como ele poderia estar ao sul de Minas Gerais e ao mesmo tempo ao norte do Paraná. [...]. Nesse caso, o aluno via os referenciais de localização de forma estática, centralizados nos próprios referenciais norte e sul.

Nesta visão, observamos que é na escola que deve ocorrer a sistematização dos conhecimentos relacionados ao espaço pelos alunos, e isso deve ser aproveitado por ele para pensar e compreender como a sociedade se organiza dentro do espaço. Levando em consideração estas palavras, é possível afirmar que é na escola que o aluno precisa aprender a ler e realizar representações formais ou convencionais do espaço, sobretudo, daquele onde se insere.

Segundo Castelar (2000, p.30) Aprender a pensar o espaço e, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido”. Ao considerar que mesmo nos dias de hoje o pouco uso de mapas nos anos iniciais, existe a necessidade de se buscar na rotina da escola, nos saberes e trabalho docente, desenvolver atividades que despertem o gosto e desenvolva a aprendizagem dos alunos.

O ensino da Cartografia tem sido muito debatido no âmbito educacional nos dias atuais, e isso tem trazido uma maior inserção desta área nas práticas docentes atuais. Contudo, ainda se observa que muito precisa ser feito para que os retrocessos que perpassaram a inserção da Cartografia possam ser minimizados. Assim, o que vai ser tratado são os estudos já realizados e que permitiram algum avanço no que tange a um olhar diferenciado para a Cartografia, tendo em vista que a mesma não está mais voltada para um modelo tradicional de ensino, tão utilizado há tempos, e que hoje é possível um ensino e aprendizado crítico, onde o educando vai aprender a realidade global, através do ensino/aprendizado do meio no qual está inserido (Castrogiovanni, 2008).

A geografia, que sempre esteve ao lado da cartografia, muitas vezes sendo considerada como uma mesma área de conhecimento também foi por muito tempo, utilizada de modo que as aulas eram enfadonhas, decorativas e enciclopédicas. Contudo, a evolução da ciência geográfica, também permitiu que a cartografia fosse utilizada para fins educativos, e para além de modelos tradicionais, permitiram juntas que as aulas fossem objetivas, com desenvolvimento de criticidade e reflexão por parte de professores e alunos.

Mas, enquanto algo sempre em evolução, ainda é necessário algo que seja feito para inserir a cartografia como uma disciplina que estivesse presente, assim como a geografia. Percebe-se que ainda nos dias de hoje, mediante um ensino onde já existe o desenvolvimento de reflexão por parte dos alunos, ainda faltam recursos didáticos e uma metodologia que permita maiores avanços no tocante a cartografia escolar.

Lacoste (1998) afirmava que a geografia deveria sair de um papel apenas que informava e partir para uma formação complexa onde a dúvida despertada desenvolvia novos conhecimentos. Assim, alguns questionamentos partem dos escritos deste autor, tais como: Para que serve a Geografia informativa? Para alienar? Neste sentido, é plausível seguir o posicionamento do mesmo autor e lembrar que o conhecimento do território é o ponto fundamental para dominá-lo, organizar-se sobre ele e organizar os que o desconhecem.

De fato, temos que a geografia por muito tempo preocupou-se apenas em ensinar sobre o espaço e sobre o território, deixando aspectos mais voltado para o humano de lado. Castrogiovanni, 2000, é um dos autores que entendem que não se pode discutir o espaço sem inserir em tal discussão aspectos como a cultura e a sociedade, sendo que isso também deveria estar contido no currículo escolar. Segundo este autor, o espaço precisa ser entendido como um produto histórico, constituído a partir das múltiplas relações que se dão em seus limites. Ainda nas palavras do autor supracitado:

Os professores criam condições de trabalho que favoreçam as diferentes estratégias cognitivas e ritmos de aprendizagem, para que o aluno aprenda de forma ativa, participativa, evoluindo dos conceitos prévios aos raciocínios mais complexos e assumindo

uma postura ética, de comprometimento coletivo (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 30).

Observando o que escreve o autor a cima, se faz necessário, além de trabalhar conteúdos cartográficos e geográficos tais quais localização, orientação, representação, paisagem, lugar e território, ambas as áreas de conhecimento devem abordar essas categorias por uma perspectiva holística e humana, se unindo em uma proposta metodológica que parta para além dos conceitos, pois é nos primeiros anos de escolarização que os aspectos já mencionados precisam aflorar. Neste sentido, a geografia e a cartografia são tão importantes quanto outras disciplinas na construção deste processo.

Para Castrogiovanni (2000), o conhecimento das relações que conduzem a criança na construção da noção de espaço, denominadas topológicas, projetivas e euclidianas, permitiu criar estratégias para que o ensino da cartografia fosse realizado visando o melhor aproveitamento desta ferramenta pelos alunos.

Estas palavras ainda confirmam a importância do ensino de cartografia na escola, e mesmo que os autores mencionados e muitos outros confirmem tal importância, ainda vemos forte resistência por parte de alguns sistemas de ensino que tange a inserção desta temática em seus recursos, ou mesmo no currículo escolar.

### **3.2 - Trazendo O Conceito De Cartografia, Representação E Alfabetização Cartográfica**

Como já foi mencionado, a escola já tenta inserir, vem fazendo um esforço para inserir a cartografia e também, valorizar o que já foi produzido em relação a conteúdos, enquanto componente curricular. A geografia, disciplina obrigatória vem sendo modificada e paulatinamente valorizada, já que ainda se preza por um ensino básico onde a Língua Portuguesa e a Matemática ainda são as principais no processo de ensino e aprendizado dos alunos. Mas, enquanto área obrigatória, a Geografia também vem avançando, sobretudo, quando nos dias de hoje os alunos precisam de seus ensinamentos para melhor compreender a realidade na qual estão inseridos.

Se tratando da Cartografia, ela ainda não consta no currículo da educação básica, mas, como parceira da geografia, seus conceitos também são abordados e por isso, precisam ser melhor conhecidos. Por outro lado, vemos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, que são praticamente analfabetos quando o assunto é a cartografia, o que dificulta ainda mais o desenvolvimento de práticas de ensino que sejam significativas no trajeto de aprendizado dos alunos nesse período de escolarização. Ainda, vale ressaltar o desânimo dos professores em buscar uma formação continuada que vise suprir essa carência de saberes tangentes a cartografia.

Em complemento às palavras a cima, em pleno século XXI, é comum ter professores que não conhecem sequer o conceito de cartografia. Assim, pensa-se que conhecendo os termos mais básicos e o próprio conceito de cartografia, o profissional possa ao menos arriscar aulas com esses termos e mostrar a seus alunos que não apenas existe Língua Portuguesa e Matemática nos anos iniciais do processo de escolarização.

Conceitualmente, não se busca complexidade na definição de cartografia. Portanto, saber nos estudos de Dias (2009), é o mesmo que trazer esse conceito, mas, de modo simplificado e conciso. Ainda nas palavras dele, enxergamos termos que não são clássicos e que, portanto, são de fácil compreensão. Outrossim, é importante conceituar a cartografia sem uso de termos exacerbados, e que possam ser empregados na prática, também não é objetivo deste trabalho dificultar a vida de futuros leitores com a complexidade dos termos trazidos, mais sim, auxiliar numa reflexão a respeito da cartografia e sua devida importância na vida de professores e alunos. Dias (2009, p. 03) corroborando com este pensamento aponta o seguinte a respeito do conceito de cartografia:

[...] conjunto de estudos e operações lógico-matemáticas, técnicas e artes que constrói mapas, carta, plantas e outras formas de representação, através de observações diretas, investigações de documentos e levantamento de dados. Sendo assim a cartografia é considerada uma ciência, pela representação precisa e utilização dos seus produtos como documentos sobre o espaço representado; uma técnica, por combinar metodologias e ferramentas para elaboração das representações e; uma arte por utilizar diferentes formas de desenho e manifestações gráficas (DIAS, 2009, p. 03).

Essa colocação do autor também permite afirmar que a cartografia é a responsável por uma parte da geografia que convencionou-se chamar de geografia física, responsável pela leitura e produção de mapas e cartas. Contudo, a cartografia faz uso de esquemas e métodos mais complexos, enquanto a geografia traz recursos mais básicos para produzir os mesmos elementos, já que tende a ser mais teórica do que prática.

O processo de alfabetização cartográfica deve ser fomentado pela escola, pelo professor e pelos alunos, contribuindo assim, para a melhoria destas aulas já que sendo alfabetizado o professor vai poder trabalhar cartografia e geografia de uma maneira interdisciplinar, como por exemplo a formação do bairro onde os alunos se inserem, com o repertório linguístico utilizado pelos mesmos na área em que se inserem. As possibilidades se ampliam consideravelmente quando o professor tem em mente que nenhuma disciplina trabalha separadamente das demais nos dias atuais.

Ainda conforme Dias (2009, p. 04), a produção e leitura de mapas pelos alunos deve ser fomentada, já que isso permite aos mesmos se desenvolverem de forma lúdica. O autor afirma que a escola e o professor devem possibilitar que isso aconteça, sobretudo, porque ler e produzir mapas é tão importante quanto outras leituras e produções. Ainda relacionado ao pensamento do autor:

Possibilitar ao aluno o entendimento do mapa como instrumento, fundamental para o estudo da Geografia, deve passar pela construção teórica dos seus objetivos enquanto representação do espaço. Trabalhar com cartografia na escola não inclui apenas contornar e delimitar, reconhecer projeções e calcular escala, trabalhar com mapas exige a compreensão dos símbolos e das suas escolhas, exige reconhecer projeções e saber por qual motivo uma é mais utilizada que outra e principalmente, exige saber que o mapa não é uma fotografia do recorte espacial em questão e sim uma escolha de quem o fez baseado em um conjunto de convenções previamente estabelecidas. (DIAS, 2009, p. 04).

Este pensamento corrobora com o de Castrogiovanni (1998), que afirma que trazer a relação de leitura e produção de mapas com o espaço vivido e com a natureza, contribui para a compreensão dos aspectos políticos, sociais e econômicos, permitindo ao aluno se situar e se posicionar diante de diversas questões que lhes forem postas.

O ensino da cartografia e sua alfabetização não estão apenas vinculadas à decoração de termos, símbolos e conversões que a mesma aborda. Se trata de transformar a teoria em prática e vivenciar essa realidade no meio sobre o qual se vive, já que a produção de mapas e obtenção de dados vai ter que pensado e apropriada pelos alunos de forma crítica e reflexiva, alinhando o entendimento do espaço em si, mas, sabendo e tendo propriedade em criticar aspectos destes espaços. Neste ponto do assunto, Callai (2005) complementa o entendimento de Castrogiovanni (1998), ao ponto que enfatiza o papel do professor no desenvolvimento de uma cartografia crítica e reflexiva. Para ela:

Estudiosos do ensino/aprendizagem da cartografia consideram que, para o sujeito ser capaz de ler de forma crítica o espaço, é necessário tanto que ele saiba fazer a leitura do espaço real/concreto como que ele seja capaz de fazer a leitura de sua representação, o mapa. É, inclusive, de comum entendimento que terá melhores condições para ler o mapa aquele que sabe fazer o mapa. Desenhar trajetos, percursos, plantas da sala de aula, da casa, do pátio da escola pode ser o início do trabalho do aluno com as formas de representação do espaço. São atividades que, de um modo geral, as crianças dos anos iniciais da escolarização realizam, mas nunca é demais lembrar que o interessante é que as façam apoiadas nos dados concretos e reais e não imaginando/fantasiando. Quer dizer, tentar representar o que existe de fato. (CALLAI 2005, p. 244)

Esse pensamento ainda significa que mapas não são os únicos recursos a serem utilizados em sala de aula, já que o globo, as maquetes, os gráficos, entre outros, também são recursos que são produzidos e utilizados pela mencionada área de conhecimento. Alfabetizar um aluno na leitura desse tipo de forma de comunicação é um trabalho social, é possibilitar a ele a compreensão de um instrumento de síntese do espaço (DIAS, 2009).

Diante do que foi visto até o presente momento, compreendeu-se que não é possível desvincular o ensino de cartografia da geografia seja em qual for a etapa do ensino, pois, assim, como o ensino de geografia, cartografia é uma atividade que é comum para os indivíduos na sociedade, e que eles fazem mesmo sem perceber quando fazem leituras diversas dos recortes de espaço, sobretudo, no que estão inseridos. Na escola irão apenas aprender conceitos e sistematizações mediante a produção de mapas, cartas e outros elementos de algo que já fazem em seu cotidiano.

### **3.3 - Da Norma À Forma: Percurso Legal E Ensino De Cartografia/Geografia No Brasil**

As pesquisas relacionadas sobre o ensino de geografia têm como base mostrar o percurso histórico relacionado à sobre como essa disciplina foi encontrando um espaço dentro da grade curricular das escolas e também, adquirindo suporte legal que abarcasse suas especificidades.

Um ponto a ser comentado e fundamentado, é a questão da formação dos profissionais responsáveis pela escolarização inicial dos alunos, ou seja, o que vem se discutindo é a carência na formação inicial e continuada que possa manter uma qualidade mínima no ensino de cartografia/geografia. É uma discussão que é necessária, já que vários documentos citados vão ressaltar a importância dessas áreas têm para a formação dos alunos em fase inicial de escolarização.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNS e na Base Nacional Comum Curricular-BNCC são alguns dos documentos que contêm um conjunto de leis que visam assegurar a qualidade no ensino da geografia e também, dos conteúdos que correspondem à área cartográfica.

Neste sentido, os PCNS dizem que “é por meio de situações nas quais os alunos têm de colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades, memorizar as informações neles representadas” PCN de Geografia (1997, p.79). isso significa que o ensino de cartografia e de geografia precisa trazer em consideração a realidade dos alunos, até porque hoje é mais do que necessário a interpretação da realidade na qual se insere para que de fato, os alunos passem de nível com a proficiência necessária para os desafios destes novos níveis de ensino. Ainda se pensando nesta proposta, os avanços vêm se dando aos poucos, porque já se observa um ensino diferente daquele que era bem mais tradicional e decorativo que o atual.

Existem as contradições entre o ensino e a formação em Geografia como contribuinte direta da ineficiência do ensino desta disciplina e também, em abordar a Cartografia com os alunos do ensino fundamental. Segundo estes autores, a falta de um conhecimento mais específico na área de geografia se dá por meio da falta de

aptidão em usar instrumentos pedagógicos que visem aulas mais práticas, e que por isso, ficam numa zona onde é mais confortável o processo de ensino.

Os autores ainda refletem sobre a discrepância entre o uso de mapas e a idade em que os alunos possuem, o que mais dificulta o aprendizado, do que trazem a construção de novos conhecimentos. Criticam ainda, o livro didático, que foge da realidade na qual os alunos estão inseridos.

Atividades trazidas fora do contexto dos alunos não ajudam na compreensão do espaço geográfico, haja vista que, muitos estudiosos apontam que para conhecer a realidade global, é preciso que se compreenda a realidade local.

A cartografia quando é ensinada em toda sua plenitude permite ao aluno a adquirir esses conhecimentos, além de assegurar os conhecimentos e as habilidades que se mostram de grande importância na compreensão do espaço onde o aluno se insere e sua leitura. Conforme pensa Passini (2013, p. 147), além de permitir essas aquisições, permite outras conquistas, tais como:

A articulação do conteúdo e forma, a utilização de diferentes linguagens melhora a significação do espaço geográfico. Essas representações abrem possibilidade para que o conhecimento sobre o espaço se aprofunde e se amplie. A leitura permite ver o objeto e o objeto pode ser lido numa coordenação de ações que faz o sujeito passar de um conhecimento menor para um conhecimento melhorado (PASSINI, 2013, p. 147).

O problema de pesquisa escolhido foi escolhido para trazer outros estudos que possam corroborar com a ideia de que em pleno século XXI, é contraditório a maneira pela qual a Cartografia é ensinada, já que tais estudos nos mostram uma série de problemas e desafios que ainda precisam ser batidos, mas, que por comodidade (ou comodismo), os sistemas de ensino deixam passar, mesmo sabendo que o ensino destas disciplinas se tornou imprescindível na sociedade atual.

É preciso reforçar ainda que a formação inicial e continuada dos professores que lecionam nos anos iniciais não tem contribuído, conforme pesquisas e observações durante as aulas de campo, com a proposta curricular para o ensino de geografia e cartografia. Na maioria dos casos, o que temos são docentes com graduação em Pedagogia e que, portanto, viram somente alguns pontos específicos

das áreas supracitadas. Assim, é preciso refletir também sobre a importância de o pedagogo buscar sempre participar de formações que visem aperfeiçoar suas práticas de ensino.

### **3.4 - Do Percurso Histórico Referente ao Ensino de Cartografia/Geografia**

Conforme os estudos de Costa e Rocha (2011), os conhecimentos produzidos a respeito do ensino de geografia foram evoluindo conforme a própria trajetória de evolução da sociedade, sendo que as grandes navegações do século XV a XVII tiveram expressivo impacto nesse processo de evolução, sobretudo, devido a necessidade de conhecer novos territórios e a melhor forma de explorar os mesmos.

Os autores supracitados apontam que essa forma de exploração e entendimento do território foi se refletindo também nos primeiros currículos escolares, onde os primeiros ensinamentos eram todos voltados para a descrição do espaço e também para o comércio. Os conhecimentos produzidos até então, eram fragmentados, deixando os estudos mais complexos para a Matemática, Física e Filosofia. A geografia em si, teve sua base teórica definida apenas no século XIX.

Os conhecimentos obtidos pelas outras áreas do conhecimento humano até então, eram exponencialmente maiores que os obtidos pela Geografia, que tinha, até o século XX, geógrafos descritores e de gabinete, que, na maioria das vezes, prestavam serviço ao Estado, para o qual faziam coleta de dados na maioria das vezes, quantitativos.

Como o autor bem observa, a sociedade não está fixada num local, e muito menos, com uma cultura fixa, isso implica a produção sistemática de novos conhecimentos, aprimoramento de saberes já existentes, e isso muda o sentido de muitas coisas, bem como, modifica conceitos, sendo assim, a definição de um objeto de estudo para a Geografia demanda uma análise profunda e epistemológica, dotado de legitimidade. Para a ciência geográfica, tanto os fluxos quanto os fixos são interessantes para se estudar. Nesse sentido, confusões voltadas à cisão desta ciência em humana e física são comuns mesmo em pleno século XXI.

### 3.5 - Da Base Legal para o Ensino de Cartografia/Geografia

Para iniciarmos a conversa sobre o que existe de leis pertinentes ao ensino de geografia nos dias atuais, não foram postas em seus devidos lugares de uma hora para outra, foram inúmeros processos e lutas para que cada uma esteja escrita lá. E mesmo assim, nem todas que foram pensadas estão funcionando como deveriam, ou sequer, são mencionadas em outros lugares que não os documentos que serão abordados nesta discussão. Assim, segundo BRASIL (2013, p. 16):

É preciso conhecer algumas das normas presentes nas diretrizes curriculares nacionais, as DCNS para esta etapa da educação básica, além de trazer para este debate a respeito do ensino os parâmetros curriculares nacionais, (PCNS) sabendo de antemão que os mesmos são subsídios que orientam as metodologias, objetivos e conteúdo para o ensino, seguindo-se com a base nacional comum curricular (BNCC), o documento mais atual e que vai propor um ensino pluralista e pautado no aluno como centro do processo de aprendizagem.

Prioritariamente, tivemos as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNS), que se trata de um documento que veio para nortear todo o ensino básico brasileiro. É possível compreender que sendo um dos documentos legais primários para o ensino de geografia, que o mesmo traga em seu arcabouço apenas diretrizes para ensinar, ou seja, nada de obrigatório a vista, mas, que devido a importância que esse documento teve, até hoje ainda não é raro termos alguns direcionamentos pautados nele.

Um dos pontos altos das DCNs, foi o direcionamento e a importância de construir outro documento de extrema importância para a comunidade escolar nos dias de hoje: o Projeto Político Pedagógico (PPP), documento este de grande valor no tocante ao funcionamento da escola e sua parceria com a comunidade escolar e na produção curricular individual de cada instituição. Assim, neste sentido, as diretrizes curriculares apenas orientam a organização dos processos de ensino. As próprias DCNS confirmam isto ao apontar que:

As bases que dão sustentação ao projeto nacional de educação responsabilizam o poder público, a família, a sociedade e a escola pela garantia a todos os educandos de um ensino ministrado de acordo com os princípios de: I - igualdade de condições para o acesso, inclusão, permanência e sucesso na

escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV - respeito à liberdade e aos direitos; V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII - valorização do profissional da educação escolar; VIII - gestão democrática do ensino público, na forma da legislação e das normas dos respectivos sistemas de ensino; IX - garantia de padrão de qualidade; X - valorização da experiência extraescolar; XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (BRASIL, 2010 p.2).

Outro ponto importante de ser mencionado é a resolução nº 04 de 13 de julho de 2010, a qual acrescenta nas DCNS, onde também é apontado sobre a qualidade do ensino que se põe aos educandos, que vai desde a sua entrada na escola, até a sua permanência, observando-se que entre um ponto e outro, existe o currículo escolar, que são os conteúdos e as atividades pedagógicas que serão elaboradas e realizadas do professor para o aluno.

Assim, as DCNs já se tornam bem atuais, corroborando com o Art. 09 da Resolução acima citada, já inserindo o aluno como participante ativo na construção dos seus conhecimentos, e é aí que está uma falha das diretrizes, já que isso nunca foi para a prática, e mais ainda, no momento no qual as mesmas foram elaboradas. De qualquer modo, o texto deste Artigo é sucinto e bem à frente do que de fato ocorria com a proposta curricular e com a prática de ensino do momento. Mediante a essa fala, cabe aqui ressaltar alguns pontos trazidos no presente Artigo:

I - revisão das referências conceituais quanto aos diferentes espaços e tempos educativos, abrangendo espaços sociais na escola e fora dela; II - consideração sobre a inclusão, a valorização das diferenças e o atendimento à pluralidade e à diversidade cultural, resgatando e respeitando as várias manifestações de cada comunidade; III - foco no projeto político-pedagógico, no gosto pela aprendizagem e na avaliação das aprendizagens como instrumento de contínua progressão dos estudantes; IV - interrelação entre organização do currículo, do trabalho pedagógico e da jornada de trabalho do professor, tendo como objetivo a aprendizagem do estudante; V - preparação dos profissionais da educação, gestores, professores, especialistas, técnicos, monitores e outros; VI - compatibilidade entre a proposta curricular e a infraestrutura entendida como espaço formativo dotado de efetiva disponibilidade de tempos para a sua utilização e acessibilidade; VII - integração dos profissionais da educação, dos estudantes,

das famílias, dos agentes da comunidade interessados na educação; VIII - valorização dos profissionais da educação, com programa de formação continuada, critérios de acesso, permanência, remuneração compatível com a jornada de trabalho definida no projeto político-pedagógico; IX - realização de parceria com órgãos, tais como os de assistência social e desenvolvimento humano, cidadania, ciência e tecnologia, esporte, turismo, cultura e arte, saúde, meio ambiente. (BRASIL, 2010 p.3).

Entendemos que as DCNs prezam pela inter-relação entre a produção curricular e o meio no qual os alunos estão inseridos, ou seja, em suas experiências, abordando o campo das vivências destes alunos. Outro ponto importante trazido pelas Diretrizes é que o currículo deve ainda “estar pautado pelo princípio da transversalidade, da interdisciplinaridade, incluindo outros espaços formativos que não apenas o de sala de aula.

### **3.6 - Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estão divididos em quatro (04) ciclos: o primeiro que corresponde a 1ª e 2ª série, o segundo que correspondia a 3ª e 4ª série, o terceiro ciclo, correspondente a 5ª e 6ª série e o quarto ciclo, referente a 7ª e 8ª série. A proposta para cada ciclo destes é que os alunos desenvolvam atividades de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Artística e Educação Física e para tratar de questões mais urgentes da sociedade os temas transversais que perpassam dentre as disciplinas (BRASIL, 1997a).

Eles também aprofundaram o que as DCNs já introduziram na escolarização básica dos alunos, que foi a inserção de temas transversais para algumas áreas curriculares. No ano de 1996, quando surgiram os parâmetros, acreditava-se que trabalhar temáticas de cunho social era de suma importância para que o aluno pudesse entender melhor a sua realidade. Foi assim que as áreas de humanas começam a ganhar ênfase.

Na área de geografia, viu-se grandes mudanças curriculares, sendo que agora as aulas deixam aquele modelo extremamente mnemônico e decorativo, passando a ter no aluno um olhar mais humano e que tornou esse sujeito mais conectado com a

escola, enquanto também conhecia e associava os conhecimentos produzidos em sala, como o território no qual estava inserido.

No ensino de Geografia os PCNS a seleção dos conteúdos do ensino fundamental é deve trazer temáticas com relevância social, onde a compreensão por parte dos alunos é imprescindível para sua constituição enquanto cidadão. Mesmo assim, alguns autores como Milton Santos em seu livro “natureza do espaço” ainda compreendem que ainda existem avanços significativos quando se trabalha os conteúdos da geografia/cartografia fechados em si mesmo. Ou seja, espaço geográfico, paisagem, território e lugar que sintetizam aspectos da organização espacial e possibilitam a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços e tempos. Para este autor, ainda é preciso compreender o espaço geográfico enquanto um híbrido, e que para que o ensino e o aprendizado se deem de modo eficaz, a interdisciplinaridade é essencial.

### **3.7- A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento mais recente que está previsto no Art. 210 da Constituição Federal de 1988, e mais tarde foi reforçada pela Lei De Diretrizes e Bases (LDB 9.394/1996), onde ambas as leis já apontavam para a necessidade da unificação do ensino no Brasil, mas, buscava-se um jeito de respeitar a realidade de cada instituição. Assim, no ano de 2015 iniciou-se as discussões a respeito de um documento que norteasse todo esse assunto.

Como era ano de atualizar o próprio Plano Nacional de Educação (PNE/2014), surge no ano de 2016 a primeira versão da BNCC que depois de debatida e comentada, tem sua segunda versão disponibilizada. Conforme Pereira (2021, p. 26):

A BNCC define a geografia como uma oportunidade de compreender o mundo em que se vive. Aponta ainda que ela contribui para a formação da identidade na medida em que traz a compreensão da paisagem e investiga sua relação com o lugar vivido pelos sujeitos. Neste sentido, a BNCC firma que desenvolver o pensamento espacial é a grande contribuição que a Geografia pode dar aos alunos da educação básica. Apesar de o espaço ser um conceito amplo e mais complexo que a

Geografia apresenta, a Base aponta que essa ciência tem outras vertentes tais como a Cartografia e outras que podem da sua contribuição para que os educandos possam entender as questões relativas ao espaço, por meio de outros conceitos, como paisagem, região, natureza e lugar.

Assim, enquanto uma ciência que também faz uso dos recursos da cartografia sempre foi considerada como ciências da descrição e da memorização, tem na BNCC a oportunidade trabalhar mediante os componentes curriculares e unidades temáticas, oportunizando cada instituição desenvolver seu currículo conforme sua realidade. Tem ainda o desenvolvimento de habilidades, que mediante códigos alfanuméricos, vai se adequando a cada ano que os alunos avançam. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p.18), a área correspondente a geografia está dividida da seguinte maneira:

A primeira unidade temática diz respeito ao “O sujeito e seu lugar no mundo” o foco de trabalho está nas noções de pertencimento e identidade, ampliando experiências com o espaço e tempo. Na unidade de “Conexões e escalas”, o foco está na articulação de diferentes espaços e escalas de análise, nas relações existentes entre fatos dos níveis local e global. Já em “Mundo do trabalho”, a atenção volta-se para os processos e as técnicas construtivas e o uso de diferentes materiais produzidos pelas sociedades em diferentes tempos. Na unidade de “Formas de representação e pensamento espacial”, além do trabalho gradativo da concepção do que é um mapa estão envolvidas outras formas de representação gráfica e aprendizagem que abarcam o raciocínio geográfico. A última unidade “Natureza, ambientes e qualidade de vida”, busca-se a unidade da Geografia, articulando Geografia Física e Geografia Humana. Todas as unidades levam ao exercício da cidadania e dos saberes geográficos aplicados à vida cotidiana (BRASIL, 2017, p. 18).

Agora, a geografia e seu ensino são colocados num patamar nunca vistos antes, já que o viés dinâmico desta área de ensino passa agora a ter ênfase, e até mesmo o professor dos anos iniciais tem agora a possibilidade de junto com seu alunado produzir conhecimentos de modo crítico, produtivo e significativo. Já que até então, existia uma grande distância entre o que se ensinava em sala de aula, e a realidade dos alunos. A Base vem justamente para associar uma coisa com a outra.

## **4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 - Contribuições da Alfabetização Cartográfica nos Anos Iniciais do Fundamental: Análise a partir de uma Turma do 3º Ano.**

Começaremos a compreender a natureza deste trabalho, ao trazer o perfil do docente escolhido para a aplicação do questionário. Vale ressaltar que se trata de uma professora cuja formação em Pedagogia se deu pela Universidade Estadual de Alagoas, no ano de 2010. Adiantando o que a mesma ressaltou no questionário, era comum no momento de sua graduação que as pessoas optassem pelo curso de Pedagogia, pelo fato de o município carecer de profissionais atuantes na educação infantil e ensino fundamental I.

Durante a aplicação do questionário, o primeiro contato se deu mediante as redes sociais para uma primeira conversa informal. O questionário, por sua vez, permitiu compreender o perfil profissional e pedagógico da docente, entendendo-se ainda, que a mesma prefere utilizar recursos dos quais tem aptidão no uso, e, referente ao perfil pedagógico, a mesma relatou que faz uso de planos de aula que ela adequa de acordo com a realidade dos alunos, e tem como principal recurso didático, o livro, recurso este, que ela não concorda, mas, afirma que a escola não apresenta uma variedade de materiais para o ensino de geografia.

Precisamos ainda, conversar sobre a formação da professora que concedeu as respostas, pois, ela sendo formada em Pedagogia. A secretaria de educação do município proporciona formação continuada aos professores semestralmente. Nessas formações são elaborados planos de curso, onde aborda os conteúdos e as habilidades. Segundo a professora falou em uma primeira conversa, essa forma de trazer uma preparação no que tange ao ensino, limita e muito a qualidade no ensino. Portanto, o ensino de geografia nos anos iniciais também visa compreender o processo de formação continuada do professor. Reforçando-se este entendimento, os PCNS de Geografia (1997, p. 123) consideram que:

Adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e especializar as múltiplas relações que diferentes

sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. A aquisição desses conhecimentos permite uma maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva com relação ao seu lugar e a contextos mais amplos de escala nacional e mundial.

A formação em Pedagogia como base não é uma forma eficiente de um professor que leciona no ensino fundamental trabalhar da melhor maneira possível o uso dos mapas com seus educandos, já que nessa formação não há um aprofundamento da proposta curricular para o ensino da geografia ou ciências afins. Neste sentido, um profissional que deseje trabalhar a prática de utilização de mapas ou outros métodos abarcados pela geografia podem e devem buscar formação continuada ou uma segunda licenciatura para que isso venha a ocorrer da melhor maneira possível.

Mediante a esse apontamento, observamos por meio das respostas ao questionário aplicado, que a falta de conhecimento na área cartográfica vem limitando o desenvolvimento de aulas com o uso destes materiais, e, mesmo que em sua fala o profissional afirme que falta recursos na escola, sabe-se que ele mesmo junto aos alunos poderia suprir essa necessidade produzindo parte destes recursos.

A primeira pergunta do questionário foi relacionada ao planejamento das aulas, e a seguinte resposta foi dada:

“seguimos um calendário mensal de planejamento com a coordenação da escola, que nos orienta justamente sobre não fugir muito do que vem no livro, e, mesmo que nele ainda tenha bastante conteúdo da parte da geografia física, como mapas, hidrografia e relevo, sempre a gente busca trabalhar de modo interdisciplinar porque para as aulas de geografia temos apenas uma por semana. É pouco tempo para trabalhar aquilo que vem nos livros, e também é mais pouco ainda para sentar com os alunos e fazer uma aula diferente. Mesmo assim, o planejamento eu considero importante porque podemos conversar sobre o espaço que umas disciplinas tem em detrimento de outras e que isso interfere no trabalho nosso trabalho. Mesmo assim, busco

trazer alguns recursos como o globo terrestre, aulas com slide onde mostro alguns tipos de mapas e sempre busco usar o mapa mental para que os alunos aprendam sobre a localização e sobre seu bairro.”

De acordo com essa primeira resposta, observamos que o professor da turma do 3º ano sofre com um problema que se acredita ser de outras turmas e outras disciplinas também, que é a falta de valorização da disciplina de geografia nestas primeiras etapas da escolarização. Mas, também se observa um esforço que ele faz para que seus alunos não saiam da aula de geografia sem aprender nada.

Parece meio forçado afirmar que falta uma metodologia mais eficaz, pois a própria fala dele já aponta para isso. Claro que uma metodologia que não foge muito do livro didático não desperta grande interesse nos alunos. No caso, ele deveria mesmo sem este tempo que falta para trabalhar a geografia, buscar novas estratégias que o auxiliasse a trazer um melhor uso dos mapas e outros elementos para suas aulas de geografia. O quadro I abaixo mostra uma seleção de estratégias que ele poderia utilizar, e a resposta dele sobre a qual mais é utilizada.

<b>Marque a estratégia que mais utiliza para despertar o interesse dos alunos.</b>	<b>Marque apenas uma</b>
Atividades diversas	( )
Uso das tecnologias	( )
Atualidade	( )
Trazer a vida dos alunos para a aula	( )
Interdisciplinaridade	(X)
Outro:	

Resposta à pergunta “estratégias que mais utiliza em sala nas aulas de geografia”

A resposta dada pelo professor mostra que ele não trabalha a disciplina de geografia por ela mesma, buscando trazer o conteúdo dela dentro de outras disciplinas. É um processo que pode dar certo, mas, tolhe muitos dos conteúdos que ele poderia trabalhar como mapas do bairro, pontos de referência, mapas mentais, etc. talvez, a falta de recursos como ele afirma na resposta da segunda pergunta seja

preponderante para essa escolha metodológica. Ao ser perguntado quais os recursos que ele mais gostava e que mais o auxiliavam na elaboração dos planos e nas próprias aulas, ele falou o seguinte:

“por se tratar de uma escola de periferia, pequena e com poucos recursos, temos poucos materiais à nossa disposição. Também pela carga horaria da disciplina de geografia, as aulas ficam prejudicadas e resumidas na maioria das vezes ao livro, ou mesmo, em colocar o conteúdo da geografia nas aulas de português para que algo mais aconchegante e produtivo seja feito com os alunos.”

A análise dessa fala aponta para um descaminho por parte do docente, porque mesmo tendo uma carga horaria a ser seguida, porque não colocar os conteúdos da língua portuguesa dentro da disciplina de geografia, dando uma maior ênfase a esta? Tanto a língua portuguesa quanto a geografia são ciências que trabalham com a linguagem e se complementam, poderiam, certamente, ter um equilíbrio na administração do tempo destas aulas. O que acontece é que parece existir uma série de outras dificuldades que o professor somente elencou na terceira pergunta, e que estão dispostas na tabela II a seguir.

<b>Enumere de 1 a 5 para indicar as maiores dificuldades enfrentadas nas aulas de geografia e de cartografia (sendo (1) a mais importante e (5) a menos importante).</b>	<b>Ordem de dificuldade</b>
Recursos	(1)
Desmotivação	(5)
Falta de tempo para planejar	(3)
Não reconhecimento financeiro	Não se aplica
Apoio pedagógico	(2)
Não presença da família na escola	(4)

Resposta ao questionamento: “quais dificuldades enfrentadas?”

Diante destas respostas, vemos que os maiores prejudicados nesta questão são os alunos. Seja pela falta de recursos, pelo apoio pedagógico, ou mesmo pela questão da desvalorização da carreira, já que um profissional desmotivado se torna improdutivo. Assim, o aluno sente a necessidade de uma interação com o professor e com os conteúdos a serem trabalhados e também se desmotivam.

Por último, é preciso considerar que uma relação de troca de saberes entre professores e alunos é de grande e fundamental importância para a construção de novos saberes geográficos, que começarão no entendimento do meio no qual esses sujeitos se inserem, e que mais tarde irão culminar em um conhecimento mais holístico. Neste sentido, desde o planejamento, o professor precisa deixar o aluno dizer o que gostaria de aprender, e a partir desse momento, ele irá buscar os meios necessários de trabalhar os conteúdos com estes alunos.

Muitas vezes, as dificuldades enfrentadas pelos professores estão relacionadas à carência de materiais didáticos que são ofertados pela instituição. É o que aponta a tabela III abaixo:

<b>Quais desses recursos são oferecidos pela escola?</b>	<b>Oferece</b>	<b>Não oferece</b>
Livro didático	( x )	( )
Computador	( )	( x )
TV	( x )	( )
Data show	( x )	( )
DVD	( x )	( )
Aparelho de som	( x )	( )
Mapas	( x )	( )
Globo terrestre	( x )	( )
Biblioteca	( )	( x )

Observamos que mesmo ofertando alguns recursos que são voltados ao ensino da geografia e da cartografia, os mesmos não estão de acordo com a realidade dos alunos, dificultando o uso, e quando são utilizados, são difíceis de serem compreendidos por professores e alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desta exposição, pode-se compreender que o ensino de geografia e suas ciências afins vem passando por intensas transformações, fruto de intensas pesquisas e estudos os quais vem dando frutos muito bons no que tange ao ensino destas áreas nas diferentes etapas do ensino. Mesmo assim, não tirou o pensamento equivocado que muitos ainda tem a respeito de uma área que ainda é vista como sintética e até mesmo, superficial. Esses problemas são complexos e necessitam de outros estudos que possam aprofundar os conhecimentos que já existem e trazer novos ao currículo escolar, sobretudo, o do ensino fundamental, que como foi estudado, carece de novas práticas de ensino nestes dias atuais.

Neste sentido, uma ressalva há de ser feita: os alunos que temos hoje apresentam uma cultura diferente daqueles alunos de uma ou duas décadas atrás. A sociedade passa por diversas transformações o tempo todo, e hoje na era da informática, são bem mais velozes, de modo que a escola precisa acompanhar isso quando estamos falando da proposta curricular e pedagógica. A necessidade destes alunos atuais também não é mais a mesma, sendo que os mesmos não são mais sujeitos dispostos a uma educação bancária e tem a necessidade de debater, conversar e experimentar praticamente o objeto de ensino de ensino ao qual são expostos.

Por outro lado, é papel da escola e do professor sistematizar os múltiplos conhecimentos que são produzidos e mediar eles com seus alunos respeitando vários fatores, tais como: tempo de aprendizado, idade, relações afetivas, que acontecem dentro e fora da escola e que também interfere no processo de ensino e aprendizado e, outras especificidades que precisam serem levadas em consideração ao longo do processo de alfabetização. Contudo, uma coisa é comum a todos os níveis de aprendizado: o desafiar ao aluno para novos saberes! É preciso questionar esses alunos, conhecer aquilo que eles têm dificuldade de assimilar e ao mesmo tempo, fornecer os subsídios necessários para que ele consiga avançar.

O desafio reside justamente em como se realizar a prática da alfabetização cartográfica em escolas que apresentam pouco ou nenhum recurso que favoreça isso.

De acordo com o questionário, observações e com os estudos bibliográficos, percebeu-se que existe uma desmotivação generalizada que parte do professor e chega até os alunos. Primeiro que ao se ter um plano anual de ensino que venha praticamente pronto, engessado limita e muito o professor fazer o seu próprio plano de aula e com isso, ele também não pode gerar recursos diversificados para que sua prática seja feita. Pensemos também que os alunos se desmotivam por essa mesma razão, sendo que já é muito difícil prender a atenção de crianças nessa etapa do ensino, o que ocasiona, caso medidas não sejam tomadas, em um ano perdido para todos. Neste sentido, uma das atribuições iniciais é saber ouvir os alunos, saber ler suas vontades contribui para que o professor possa identificar tanto a fase em que esse aluno está, quanto das atividades a ser realizada para que esses alunos avancem.

A escrita deste trabalho foi de grande valia para saber mais sobre como acontece o processo de alfabetização cartográfica com crianças do ensino fundamental, acreditando que mesmo com poucos recursos é possível ofertar o mínimo de qualidade no processo de alfabetização, sobretudo, a cartográfica aos alunos que estão iniciando sua jornada escolar. Contudo, a pesquisa realizada nesta escola apontou que existe carência de material didático diferenciado para a elaboração de aulas produtivas e que atinjam os requisitos já mencionados neste trabalho. Isso acontece não apenas na área pesquisada, a Geografia, mas, quase todas as outras Áreas.

Em se falando da proposta deste trabalho e ao mesmo tempo, retomando o primeiro capítulo, foi sobre alguns dados referentes à cartografia e sua importância nos anos iniciais do ensino fundamental, observando-se que mesmo sem ter noção, o homem já fazia uso de algumas aplicações cartográficas em sua vida junto com a natureza, e que mesmo os gregos foram destaque no desenvolvimento da Cartografia, pois foram pioneiros na utilização de uma base científica e da observação. Já os primeiros passos desta ciência na escola se deram por meio da localização espacial e da exploração do mesmo, onde por muitas vezes a cartografia passa a ser confundida com a geografia mediante seu arcabouço teórico e metodológico. Esse capítulo foi importante por mostrar que O ensino da Cartografia tem sido muito

debatido no âmbito educacional nos dias atuais, e isso tem trazido uma maior inserção desta área nas práticas docentes atuais.

Já o segundo capítulo retratou o percurso legal a respeito do ensino de cartografia e da própria geografia, desde o pensamento no arcabouço legal das mesmas, até o ponto da elaboração e sistematização de documentos que passaram a nortear o ensino delas na escola. Esse capítulo foi de fundamental importância porque mostrou as idas e vindas destas áreas dentro do viés escolar, e mostrando também, que não apenas elas, como qualquer ciência acompanha o desenvolvimento da sociedade, tendo que dar respostas a ela sobre as diversas inquietações que vão surgindo. Assim, falou-se nas diretrizes curriculares nacionais, nos parâmetros curriculares nacionais e no documento mais atual, a base nacional comum curricular, que trouxe uma nova roupagem para o ensino, colocando o aluno como principal ator na construção do seu aprendizado e também trazendo o professor como mediador deste aprendizado. É um momento importante porque com essa forma de ensino, os professores podem produzir com os alunos os recursos a serem utilizados em seu plano de ensino, suprimindo a necessidade de um sistema público de ensino defasado que pouco se importa com o ensino da cartografia no ensino básico.

Por último, o terceiro capítulo trouxe como se dá o ensino de Cartografia em uma escola pública do município de São José da Tapera, estado de Alagoas. O campo de pesquisa tem o nome de Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Audálio Maciano da Silva se encontra, de nome Conjunto Habitacional Pedro Ricardo. É uma instituição de periferia, e tendo essa característica, é fácil entender sobre as dificuldades apresentadas pelos professores quando se fala em desvalorização da profissão e falta de recursos, o que gera insatisfação e defasagem no ensino.

Os educandos dessa localidade apresentam um perfil específico, e mesmo que diante das observações e respostas aos questionamentos observe-se a vontade de aprender, inúmeros outros fatores prejudicam esse aprendizado, sobretudo, um plano de ensino anual pronto que vem da secretaria de educação que sendo engessado, é quase impossível que a escola possa adequar a sua realidade. Assim também é com os recursos voltados para o ensino da geografia e da cartografia, escassos e quando as aulas podem fazer uso dos recursos que tem, o tempo é pouco e não se pode desenvolver aulas ricas, nas quais os alunos possam de fato, saber o que ensina ou

os usos da cartografia em sua vida. É um sistema que em muito precisa se atualizar, dar mais liberdade ao professor e cuidar para que toda essa base legal que foi desenvolvida não fique somente no papel.

Acredita-se que é para isso que a universidade existe e faz pesquisa, para encontrar estes problemas e trazer para a realidade. Sabendo de tais problemas, ficará mais fácil buscar alternativas. A pesquisa aqui realizada não é um fim para no que tange ao tema e à inquietação que levou a elaboração da mesma. Espera-se que seja apenas um começo e que outras pesquisas possam ser feitas para que seja mais fácil a caminhada em busca de soluções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Educação. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília, DF, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf) Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTROGIOVANNI, A. Carlos et al. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana De Souza A Geografia E A Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro. 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para formação e a prática de ensino. In: \_\_\_\_\_. (org.). Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Vieira, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas (SP): Papirus, 2012. p. 39-59; p. 175-198.

CAVALCANTI, Lana. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 185-207, mais/ago. 2005.

COELHO, Luana & PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. In: Revista e - Ped – F A C O S / C N E C O s ó rio. V o l. 2 – N º 1 – A G O / 2 0 1 2 – I S N 2 2 3 7 - 7 0 7 7.

Ensino De Geografia: Práticas E Textualizações No Cotidiano/Antônio Carlos Castrogiovanni, Organizador. – Porto Alegre: Mediação. 2000 176 p.

FELICIANO, Léia A. dos Santos. O Ensino De Geografia No Brasil: Do Colégio Pedro li A Universidade De São Paulo - 1837 A 1934. Universidade La Empresa (UDE). Montevideo- Uruguai. ISSN 2176-1396.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido trinta anos depois. Entrevista a Dogma Sibas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 88, p. 78-80, fev. 1994.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação, vol.1.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da ... saberes necessários à prática educativa. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17.a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. [Conforme ficha catalográfica. Pelas informações na capa e abaixo da ficha: 38.a ed. São Paulo. 2004].

<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> acesso em 25 de setembro de 2019.

KAERCHER, Nestor André. A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. Originalmente apresentado como tese de doutorado. São Paulo: USP, 2002.

KIMURA, Shoko. Geografia No Ensino Básico: Questões e propostas/Shoko Kimura. 2ª ed. São Paulo. Contexto. 2010.

KLEIMAN, Ângela B. (org), os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela B. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas, UNICAMP/MEC, 2006.

LACOSTE, Yves. A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Trad. de Maria Cecília França. 2.a ed. Campinas, SP: Papirus, 1989. Tit. Org. La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre.

LIBANEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNIO, José Carlos. Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 2003 - 19ª ed.

MIRANDA, Sergio Luiz. Geografia crítica e Piaget, Vygotsky e construtivismo: isso dá samba? In: Seminário de Pós-graduação em Geografia da Unesp de Rio Claro, 4, 2004, Rio Claro. Anais... Rio Claro: Unesp; IGCE; Programa de Pós-graduação em Geografia, 2004, p. 557-558.

MOREIRA, R. Pensar E Ser Em Geografia. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. 5ª Ed. São Paulo. Ed. Sulina. 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (org.). Para onde vai o ensino de Geografia? 3.a ed. São Paulo: Contexto, 1991. (Col. Repensando o Ensino) [1.a ed. em 1989].

PASSINI, Elza Yasuko. Alfabetização Cartográfica. In: Passini EY, Passini R, Malysz ST. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo:Contexto; 2007. p. 143-155.

Piaget e o estágio das Operações Concretas. Disponível em: <http://psico2013-57.blogspot.com/2013/04/piaget-e-o-estadio-das-operacoes.html> acesso em 15 de maio de 2019 às 22h 00min.

PONTUSHKA, Nídia Nacib, PAGANELLI Tomoko Iyda; CACETE Núria Hanglei. Para ensinar e aprender Geografia. 3ª Ed. São Paulo. Ed. Cortez. 2009.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez. 1995

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 5ª ed., São Paulo: Contexto, 2008

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001 (org.) Vera Masagão Ribeiro – 2ª Ed. – São Paulo, global, 2004

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 4ª Ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2009

SOUZA, Vanilton Camilo de. Fundamentos Teóricos, Epistemológicos E didáticos No Ensino Da Geografia: Bases Para Formação Do Pensamento Espacial Crítico. In: Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 47-67, jan./jun., 2011.

SOUZA, Vanilton Camilo de. O processo de construção do conhecimento geográfico na formação do professor de Geografia. Tese (Doutorado em Geografia), IESA/UFG, Goiânia, 2009.

VYGOTSKY, L. S. (1987). Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. (1991). A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S., Luria, A. R. & Leontiev, A. N. (1988). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone Edusp.

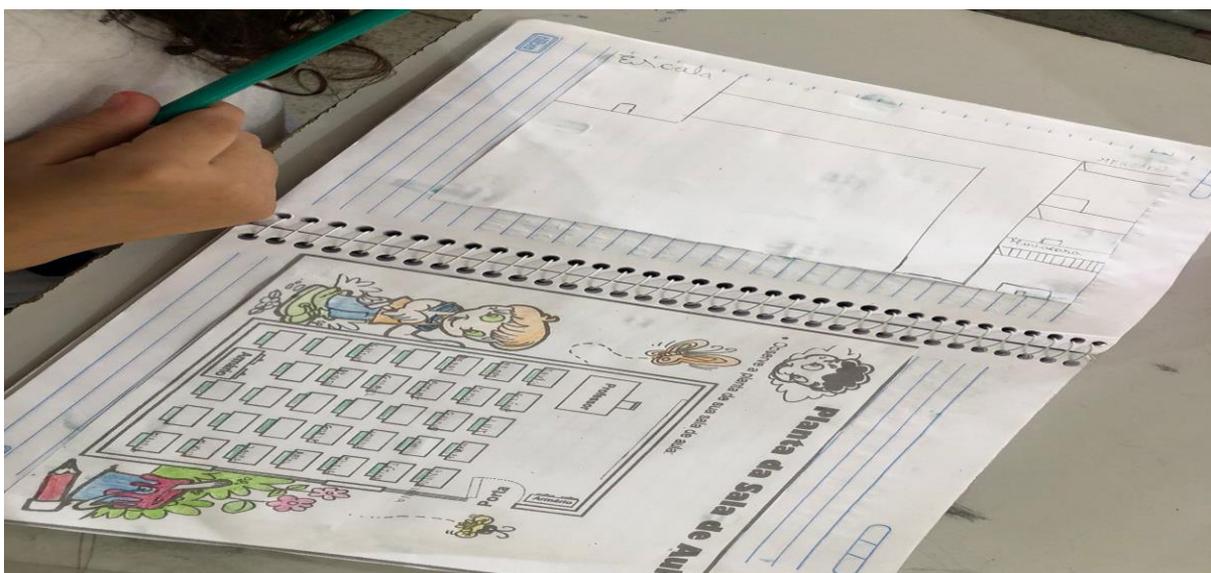
## ANEXOS

**Figura 04:** Turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I.



Fonte: Próprio autor, 2022

**Figura 05:** Atividade de Localização dos dentro da sala de aula.



Fonte: Próprio autor, 2022

**Figura 06:** Elaboração de atividades de acordo com a realidade do aluno.



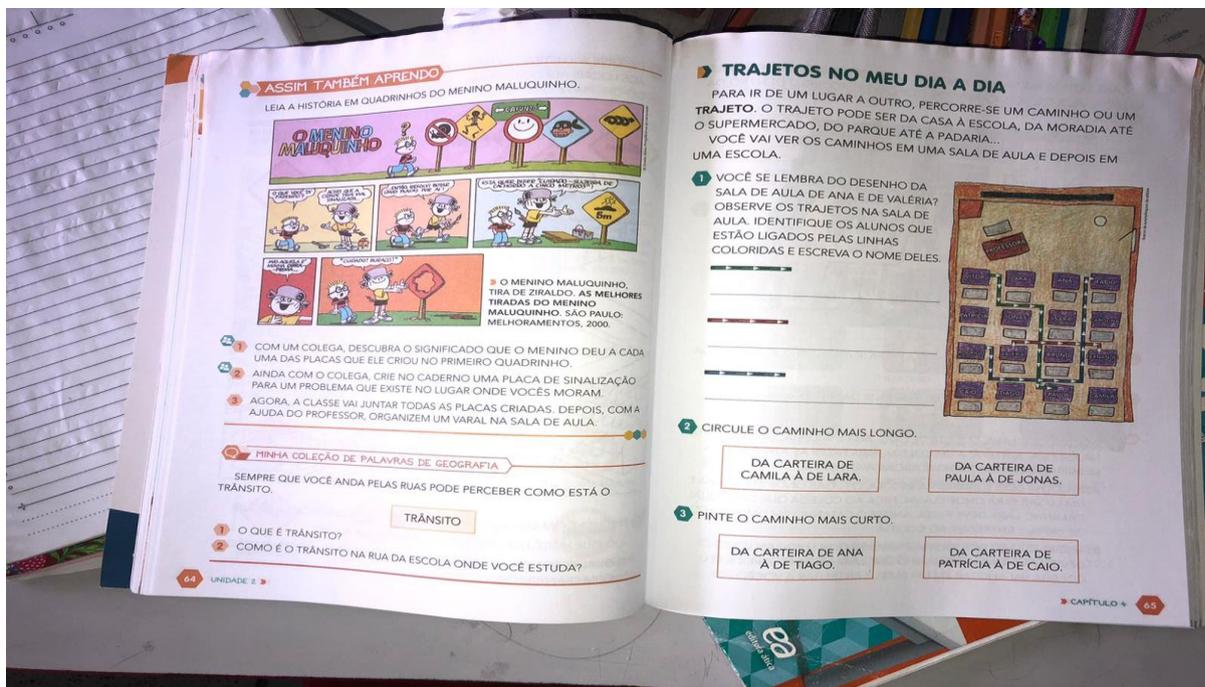
**Fonte:** Próprio autor, 2022

**Figura 07:** Orientação sobre as atividades cartográficas.



**Fonte:** Próprio autor, 2022

**Figura 08:** Livro didático utilizado para a alfabetização cartográfica da turma do 3º ano.



Fonte: Próprio autor, 2022

**Figura 09:** Acompanhamento das atividades cartográficas.



Fonte: Próprio autor, 2022

**Figura 10:** Elaboração da atividade de localização cartográfica.



Fonte: Próprio autor, 2022

**Figura 11:** Resultado final da atividade.



Fonte: Próprio autor, 2022

**APÊNDICE 01:****Questionário aplicado ao professor do 3º ano referente ao ensino de Geografia/Cartografia****UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA  
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO****Caro professor (a),**

Esse questionário tem por objetivo, caracterizar a atividade de Professor de Geografia, retratando sua importância e seus desafios. As perguntas listadas abaixo servirão somente para fins de pesquisa e suas respostas não serão julgadas como certas ou erradas.

Agradecemos a sua colaboração!

Qual a sua formação acadêmica?

---

Em que ano se formou? \_\_\_\_\_ Há quanto tempo leciona Geografia? \_\_\_\_\_

Qual a sua carga/horária semanal como professor?

---

Exerce mais alguma função? (sim) (não) Qual?

---

Na sua visão, qual a importância da Geografia escolar?

---

---

**Com que frequência realiza formação continuada?**

Semestralmente ( ) Anualmente ( ) Raramente ( ) Não realiza ( )

Como faz para obter essa formação?

**Com que frequência realiza seu planejamento de aulas de geografia?**

Diariamente ( ) Semanalmente ( ) Mensalmente ( ) Semestralmente ( ) Anualmente

<b>Quais recursos, mas te auxiliam no planejamento das aulas?</b>	<b>Utiliza</b>	<b>Não utiliza</b>
Livro didático	( )	( )
BNCC, DCN e PCN	( )	( )
Pesquisa em jornais e sites da internet	( )	( )
Planos de outros professores	( )	( )
Elaboração própria	( )	( )
Outros livros de Geografia	( )	( )

<b>Marque a estratégia que mais utiliza para despertar o interesse dos alunos.</b>	<b>Marque apenas uma</b>
Diversificar as atividades de sala	( )
Usar mais a tecnologia disponível	( )
Pesquisar novidades sobre o mundo atual	( )
Usar exemplos extraídos do cotidiano do aluno	( )
Outro:	

<b>Quais desses recursos são oferecidos pela escola?</b>	<b>Oferece</b>	<b>Não oferece</b>
Livro didático	( )	( )
Computador	( )	( )
TV	( )	( )
Data show	( )	( )
DVD	( )	( )

Aparelho de som	( )	( )
Mapas	( )	( )
Globo terrestre	( )	( )
Biblioteca	( )	( )

<b>Enumere de 1 a 5 para indicar as maiores dificuldades enfrentadas nas aulas de geografia (sendo (1) a mais importante e (5) a menos importante).</b>	<b>Ordem de dificuldade</b>
Falta de materiais	( )
Falta de interesse os alunos	( )
Falta de tempo para preparar as aulas	( )
Falta de reconhecimento e valorização profissional	( )
Falta de auxílio pedagógico	( )
Falta de acompanhamento familiar	( )

Se sente realizado nessa profissão? Quais as suas perspectivas para o futuro?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---